

CUIDAR DE FRANKIE

MAEVE BINCHY

CUIDAR DE FRANKIE

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

*Para o querido e generoso Gordon,
que torna a vida maravilhosa todos os dias.*

CAPÍTULO 1

Katie Finglas estava a chegar ao fim de um dia cansativo no salão. Tudo o que podia acontecer de mau tinha acontecido. Uma mulher não lhes tinha dito nada sobre uma alergia e saiu de lá com inchaços e uma erupção na testa. A mãe de uma noiva tinha apanhado uma fúria e disse que parecia um bobo da corte. Um homem que tinha querido fazer madeixas louras ficou apoplético quando, a meio do processo, perguntou quanto é que iriam custar-lhe. Garry, o marido de Katie, tinha pousado inocentemente as duas mãos nos ombros de uma cliente sexagenária, que disse que o ia processar por assédio sexual e ofensas corporais.

Ela olhou para o homem que estava mesmo à sua frente, um padre avantajado com cabelo ruivo já meio grisalho.

— É a Katie Finglas e presumo que dirija este estabelecimento — disse o padre, olhando, nervoso, à volta do inocente salão como se este fosse um sofisticado bordel.

— Isso mesmo, padre — disse Katie com um suspiro. O que mais estaria para acontecer?

— É que estive agora mesmo a falar com algumas das raparigas que aqui trabalham, lá em baixo no centro, nas docas, e elas disseram-me...

Katie sentiu-se muito cansada. Ela dava emprego a duas miúdas que tinham deixado de estudar; pagava-lhes convenientemente e dava-lhes formação. De que poderiam ter estado a queixar-se a um padre?

— Sim, padre, qual é exatamente o problema?

— Bem, *é* mesmo problemático. Achei que devia vir ter diretamente consigo. — Parecia um bocadinho embaraçado.

— Muito bem, padre — disse Katie. — Então, diga-me do que se trata.

— É por causa de uma mulher, Stella Dixon. Está no hospital, percebe...

— Hospital?

A cabeça de Katie começou a andar à roda. O que é que aquilo *poderia* implicar? Alguém que tinha inalado o peróxido?

— Lamento saber disso. — Tentou fazer uma voz neutra.

— Sim, mas ela quer arranjar o cabelo.

— Quer dizer que voltou a confiar em nós?

Às vezes, a vida *é* extraordinária.

— Não, não me parece que ela já cá tenha vindo antes... — Parecia desconcertado.

— E qual é o seu interesse nisto tudo, padre?

— Eu sou Brian Flynn e de momento estou a servir de capelão no St. Brigid's Hospital, enquanto o verdadeiro capelão está em Roma numa peregrinação. Para além das solicitações para levar cigarros e álcool aos doentes, este foi o único pedido sério que me fizeram.

— Quer que eu vá arranjar o cabelo a alguém no hospital?

— Ela está gravemente doente. Está a morrer. Achei que precisava de uma pessoa mais velha com quem falar. Não é que você pareça muito mais velha, é claro. Não passa de uma jovem — disse o padre.

— Meu Deus, mas que lamentável perda para as mulheres da Irlanda quando abraçou o sacerdócio — disse Katie. — Dê-me as indicações e eu vou até lá visitá-la com a minha mala de magia.

— Muito obrigado, senhora Finglas. Está tudo anotado aqui.

O padre Flynn entregou-lhe um bilhete.

Uma mulher de meia-idade aproximou-se do balcão da receção. Tinha os óculos na ponta do nariz e uma expressão ansiosa.

— Presumo que ensine os truques de cabeleireiro às pessoas — disse ela.

— Sim, ou antes a *arte* de cabeleireiro, como gostamos de lhe chamar — replicou Katie.

— Tenho uma prima que vem da América passar cá umas semanas. Ela mencionou que, na América, há lugares onde se pode arranjar o cabelo quase de graça, se deixarmos que as pessoas treinem em nós.

— Bem, realmente nós temos a noite dos alunos, às terças-feiras; as pessoas trazem as suas próprias toalhas e nós fazemos-lhes um penteado. Normalmente, contribuem com cinco euros para uma instituição de caridade.

— Hoje é terça-feira! — gritou a mulher triunfantemente.

— Pois é — disse Katie cerrando os dentes.

— Então, posso fazer uma reserva? O meu nome é Josie Lynch.

— Ótimo, senhora Lynch, até depois das sete — disse Katie, anotando o nome.

Os seus olhos encontraram-se com os do padre. Encontrou neles simpatia e compreensão.

Gerir o seu próprio salão de cabeleireiro não eram só coisas boas.

Josie e Charlie Lynch viviam no número 23 de St. Jarlath's Crescent desde que tinham casado, há trinta e dois anos. Tinham assistido a muitas mudanças na zona. A loja de bairro transformara-se em mini-mercado; a velha lavandaria onde os lençóis eram passados e dobrados era agora uma lavandaria automática, onde as pessoas deixavam grandes sacos cheios de toda a espécie de roupa para ser lavada. Havia agora um consultório como devia ser, com quatro médicos, onde outrora estava apenas o velho doutor Gillespie, que tinha trazido toda a gente ao mundo e assistira a muitas partidas.

Durante o auge do *boom* económico, as casas em St. Jarlath's Crescent tinham mudado de mãos a troco de somas espantosas. Havia muita procura de casas pequenas com jardim perto do centro da cidade. Agora já não, é claro — a recessão tinha sido um grande fator de nivelamento, mas mesmo assim era uma área muito mais conceituada do que fora há três décadas.

No fim de contas, bastava olhar para Molly e Paddy Carroll com o seu filho, Declan, médico — um médico a valer, com as qualificações necessárias! E bastava olhar para Cathy, a filha de Muttie e Lizzie

Scarlet. Ela geria uma empresa de *catering* que era contratada para eventos importantes.

Mas muita coisa tinha mudado para pior. Já não se sentia o espírito de comunidade. Já não havia procissões religiosas a subir e a descer o Crescent na festa do Corpo de Deus, como era costume há trinta anos. Josie e Charles Lynch sentiam que estavam sozinhos no mundo e certamente em St. Jarlath's Crescent, pelo facto de continuarem a ajoelhar à noite e a rezar o terço.

Tinha sido sempre assim.

Quando casaram, planejaram uma vida baseada na máxima de que a família que reza junta permanece junta. Tinham partido do princípio de que iriam ter oito ou nove filhos, porque Deus nunca trazia uma boca ao mundo que Ele não alimentasse. Mas isso não havia de acontecer. Depois de Noel, disseram a Josie que não teria mais filhos. Foi difícil de aceitar. Ambos vinham de famílias grandes; os seus irmãos e irmãs tinham constituído famílias grandes. Mas talvez estivesse destinado a ser assim.

Sempre tinham acalentado a esperança de que Noel fosse padre. O fundo para o educar para o sacerdócio foi iniciado antes de ele fazer três anos. Punham de lado dinheiro do salário de Josie na fábrica de porcelana. Todas as semanas acrescentavam mais um bocadinho à conta-poupança dos Correios e quando Charles recebia à sexta-feira o seu envelope, no hotel onde era porteiro, havia um montante que também era depositado nos Correios. Quando chegasse a altura, Noel receberia a melhor das educações sacerdotais.

Por isso, foi com grande surpresa e muito desapontamento que Josie e Charles tomaram conhecimento de que o seu introvertido filho não tinha o menor interesse numa vida religiosa. Os frades disseram que ele não mostrava sinais de vocação e quando o assunto foi apresentado a Noel como uma possibilidade, aos catorze anos, ele tinha dito que não seria sacerdote nem que fosse o último trabalho que houvesse na terra.

Na verdade, tinha sido muito definitivo.

Contudo, não fora assim tão definitivo quanto ao que *gostaria* de fazer. Noel foi vago em relação a isso, dizendo apenas que era capaz de gostar de gerir um escritório. Não de trabalhar num escritório, mas

de o gerir. Não mostrou qualquer interesse em estudar gestão administrativa ou contabilidade, nem nenhuma das áreas para que o departamento de carreiras tentou orientá-lo. Dizia que gostava de arte, mas não queria pintar. Se pressionado, dizia que gostava de olhar para as telas e pensar sobre elas. Era bom a desenho; tinha sempre um bloco e um lápis com ele e encontravam-no muitas vezes enrolado a um canto, a esboçar um rosto ou um animal. É claro que isto não o levou a nenhuma carreira, mas Noel nunca esperara que isso acontecesse. Fazia os trabalhos de casa na mesa da cozinha, suspirando de vez em quando, mas raramente parecia excitado ou entusiasmado. Nas reuniões dos professores com os pais, Josie e Charles tinham feito perguntas sobre isso. Será que havia alguma coisa na escola que o entusiasmasse? Nada de nada?

Os professores estavam desorientados. Na sua maioria, os rapazes eram impenetráveis por volta dos catorze ou quinze anos, mas normalmente já tinham assentado ideias sobre fazer alguma coisa. Ou, muitas vezes, sobre não fazer nada. Diziam que Noel Lynch se tinha tornado ainda mais calado e introvertido do que já era.

Josie e Charles perguntavam-se se poderia ser normal assim.

É verdade que Noel era calado e tinha sido para eles um grande alívio o facto de não encher a casa com miúdos barulhentos, ao soco uns aos outros. Mas tinham pensado que isso fazia parte da sua vida espiritual, uma preparação para um futuro como padre. Agora, parecia que não seria esse o caso.

Josie sugeriu que Noel talvez apenas se opusesse ao tipo de vida religiosa dos frades. De facto, dar-se-ia o caso de ter uma vocação diferente e querer tornar-se jesuíta ou missionário?

Aparentemente, não.

E, com quinze anos, disse que já não queria juntar-se à família para rezar o terço, que era apenas um ritual de orações sem sentido, entoadas repetidamente. Não se importava de fazer bem às pessoas, de tentar que pessoas menos afortunadas tivessem uma vida melhor, mas com certeza que nenhum Deus havia de querer aqueles quinze minutos de toada monótona.

Com dezasseis anos, perceberam que ele já não ia à missa dominical. Alguém o vira junto ao canal, quando devia ter ido assistir à primeira

missa na igreja que ficava na esquina. Ele disse-lhes que não valia a pena continuar na escola, pois já não havia mais nada que precisasse de aprender lá. Estavam a contratar pessoal administrativo na Hall's e iriam treiná-lo nas rotinas de escritório. Mais valia começar já a trabalhar do que andar por aí.

Os frades e os professores da sua escola disseram que era sempre uma pena ver um rapaz estudar e ir embora sem uma habilitação, mas mesmo assim encolheram os ombros, pois era muito difícil tentar que o rapaz se interessasse fosse pelo que fosse. Parecia estar sentado, à espera que os dias na escola terminassem. Até era capaz de ser melhor ele sair mesmo de lá. Deixá-lo entrar para a Hall's, a grande superfície de materiais de construção; receber um salário todas as semanas e, depois, podia ser que conseguissem perceber onde é que residia o seu interesse, se é que tinha algum.

Josie e Charles pensaram com tristeza no fundo que tinha vindo a acumular-se nos Correios durante anos. Dinheiro que nunca seria gasto a fazer de Noel Lynch um sacerdote. Um frade sugeriu bondosamente que talvez o devessem gastar numas férias para eles, mas Charles e Josie ficaram chocados. Aquele dinheiro tinha sido poupado para a obra de Deus; seria gasto na obra de Deus.

Noel conseguiu o emprego na Hall's. Conheceu os seus colegas de trabalho, mas sem grande entusiasmo. Não seriam mais amigos e companheiros do que os seus colegas frades tinham sido. Ele não *queria* estar sozinho o tempo todo, mas muitas vezes era mais fácil.

Ao longo dos anos, Noel tinha combinado com a mãe que não se juntaria a eles à hora das refeições. Almoçava a meio do dia e arranjava qualquer coisa leve à noite. Desta forma, escapava ao terço, ao convívio com vizinhos devotos e às perguntas sobre o que fizera durante o dia, que era o acompanhamento natural das refeições em casa dos Lynch.

Começou a chegar a casa cada vez mais tarde. Também começou a visitar o *pub* Casey's a caminho de casa, um estabelecimento enorme, simultaneamente reconfortante e anónimo. Era familiar porque toda a gente sabia o seu nome.

— Já levo, Noel — diria o boçal filho da casa.

O Velho Casey, que falava pouco, mas reparava em tudo, olhava por cima dos óculos, enquanto limpava os copos de cerveja com um pano da louça limpo.

— B’noite, Noel — dizia, conseguindo combinar a cortesia de ser o proprietário com o sentimento de reprovação que tinha por Noel. No fim de contas, conhecia o pai de Noel. Era como se ficasse contente pelo Casey’s estar a receber o dinheiro da cerveja — ou de várias, à medida que a noite avançava —, mas também parecesse desapontado por Noel não estar a gastar o seu salário de forma mais sensata. Mas Noel gostava do lugar. Não era um *pub* moderno com preços caros. Não estava cheio de raparigas a rir e a interromper a bebida a um homem. Ali, as pessoas deixavam-no em paz.

Isso valia muito.

Quando chegou a casa, Noel reparou que a mãe estava diferente. Não conseguia perceber porquê. Vestia o fato de malha vermelho que só usava em ocasiões especiais. Na fábrica de porcelana onde trabalhava, usavam uniforme, o que ela achava maravilhoso porque evitava usar e estragar as roupas boas. A mãe de Noel não usava maquilhagem, por isso não podia ser disso.

Finalmente, lá percebeu que era o cabelo. A mãe tinha estado num salão de beleza.

— Tem um penteado novo, mãe! — disse ele.

Josie Lynch afagou o cabelo, satisfeita.

— Fizeram um bom trabalho, não fizeram? — Falava como se costumasse frequentar salões de cabeleireiro regularmente.

— Está muito giro, mãe — disse ele.

— Vou pôr a chaleira ao lume, se quiseres uma chávena de chá — ofereceu ela.

— Não, mãe, obrigado.

Estava desejoso de sair dali e de ir para a segurança do seu quarto. E nessa altura Noel lembrou-se de que a prima Emily vinha da América no dia seguinte. A mãe devia estar a preparar-se para a sua chegada. Aparentemente, essa tal Emily ia lá ficar durante umas semanas. Ainda não estava decidido quantas, ao certo...

Noel não se tinha envolvido muito na visita, fazendo apenas o que era preciso, como ajudar o pai a pintar o quarto dela e a esvaziar a arrecadação lá de baixo, cujas paredes tinham forrado a azulejo e instalado um chuveiro novo. Ele não sabia grande coisa sobre ela; era uma pessoa mais velha, talvez na casa dos cinquenta, filha única do irmão mais velho do pai, Martin. Tinha sido professora de Arte, mas o trabalho acabara inesperadamente e ela estava a usar as poupanças para conhecer o mundo. Ia começar por uma visita a Dublin, de onde o pai partira há muitos anos para procurar a sua sorte na América.

Charles contava que a sorte não fora muita. O irmão mais velho da família tinha trabalhado num bar onde era o melhor cliente. Nunca mantivera o contacto. Esta tal Emily ainda tinha enviado uns quantos cartões de Boas-Festas e também lhes escrevera para comunicar, primeiro, a morte do pai e, depois, a da mãe. Pela maneira de falar, parecia extraordinariamente eficiente e disse que, quando chegasse a Dublin, contava contribuir com algum dinheiro para as despesas da família, o que, como tinha alugado o pequeno apartamento em Nova Iorque durante a sua ausência, era mais do que justo. Josie e Charles também se sentiam tranquilos com o facto de ela parecer uma pessoa sensata, que prometera não atrapalhar a vida deles nem andar à procura de entretenimento. Disse que havia de arranjar muito com que se ocupar.

Noel suspirou.

Seria mais um acontecimento trivial elevado à categoria de drama pelos pais. Ainda a mulher não teria passado a porta e já lhe estariam a contar tudo sobre o seu grande futuro na Hall's, sobre o trabalho da mãe na fábrica de porcelana e o papel do pai como porteiro sénior num hotel imponente. Haviã de lhe falar sobre o declínio moral na Irlanda, a falta de comparência na missa dominical e como o consumo excessivo de álcool mantinha as urgências dos hospitais cheias até mais não. Emily seria convidada a juntar-se à família para rezar o terço.

A mãe de Noel já tinha passado um tempo considerável a deliberar se haviã de pôr uma imagem do Sagrado Coração ou da Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no quarto recém-pintado. Noel tinha conseguido evitar grandes discussões sobre esta escolha angustiante, sugerindo que esperassem até que ela chegasse.

— Ela ensinou Arte numa escola, mãe, é capaz de ter trazido os seus próprios quadros — dissera ele e, curiosamente, a mãe tinha concordado de imediato.

— Tens razão, Noel. Tenho tendência para ser eu a tomar todas as decisões. Vai ser bom ter outra mulher com quem partilhar tudo isso.

Noel esperava que ela tivesse razão e que aquela mulher não fosse perturbar os seus hábitos. De qualquer forma, ia ser uma altura de mudanças lá em casa. O pai ia reformar-se como porteiro dentro de um ano ou dois. A mãe ainda tinha mais uns anos na fábrica de porcelana, mas pensava que também era capaz de se reformar para fazer companhia a Charles e para ambos se dedicarem a obras de caridade. Esperava que Emily tornasse as suas vidas menos complicadas e não mais.

Mas, basicamente, pouco pensou no assunto.

Noel levava a vida sem pensar em nada de forma demasiado profunda: nem no seu trabalho sem futuro na Hall's; nem nas horas e dinheiro que gastava no *pub* do Velho Casey; nem na mania religiosa dos pais, que pensavam que o terço era a resposta para a maior parte dos problemas no mundo. Noel não pensava na falta de uma namorada fixa na sua vida. Ainda não tinha conhecido ninguém, apenas isso. Na verdade, nem sequer se preocupava com a falta de colegas. Havia lugares onde era fácil encontrar amigos. A Hall's não era um deles. Noel decidira que a melhor maneira de enfrentar o facto de as coisas não serem assim tão boas era não pensar nelas. Tinha funcionado bem, até ver.

Para que havia de consertar as coisas, se elas não estavam avariadas?

Charles Lynch estava muito calado. Tinha reparado no novo penteado da mulher. Não percebera que o filho tinha bebido quatro canecas no regresso a casa do trabalho. Achava difícil sentir interesse pela chegada de Emily, filha do seu irmão Martin, na manhã seguinte. Martin deixara bem claro que não se importava com a família que ali deixara.

É verdade que Emily tinha sido uma correspondente cortês ao longo dos anos — chegando ao ponto de se oferecer para pagar o alojamento. Efetivamente, isso era capaz de ser muito útil nos tempos que corriam. Charles Lynch tinha sido informado naquela manhã de que os seus serviços como porteiro de hotel já não seriam necessários. Ele e outro porteiro «mais velho» saíam no final do mês. Charles andava a tentar encontrar as palavras para contar a Josie desde que chegara a casa, mas as palavras não lhe ocorriam.

Podia repetir aquilo que o jovem de fato lhe dissera antes, nesse mesmo dia: uma sequência de frases a explicar que aquilo não era uma crítica a Charles ou à sua lealdade para com o hotel. Ele estivera ali a vida inteira, esplendoroso no seu uniforme, e fazia parte da antiga imagem. Mas era exatamente isso que ele era — uma antiga imagem. Os novos proprietários insistiam numa nova imagem e quem é que se podia opor à marcha do progresso?

Charles pensava que ia envelhecer naquele emprego. Que um dia haveria um jantar em sua honra, ao qual Josie iria usando um vestido comprido. Seria presenteado com um relógio banhado a ouro. Agora, nada disso iria acontecer.

Ia ficar sem emprego dentro de duas semanas e meia.

Havia poucas oportunidades de trabalho para um homem com sessenta e tal anos que tinha sido dispensado do único hotel onde trabalhara desde os dezasseis. Charles Lynch teria gostado de ter falado com o filho sobre tudo isto, mas dava a sensação de que ele e Noel não tinham uma conversa há anos. Se é que alguma vez tiveram. O rapaz estava sempre desejoso de ir para o quarto e resistia a qualquer pergunta ou discussão. Não seria justo descarregar tudo em cima dele, agora.

Charles não iria encontrar um ouvido atento ou uma fonte de conselhos. Disse para consigo que o melhor era contar a Josie e acabar com aquilo. Mas ela estava toda excitada com aquela mulher que vinha da América. Talvez devesse deixar as coisas assim durante mais uns dias. Charles suspirou perante a má altura para aquilo tudo acontecer.

Para: Emily

De: Betsy

Quem me dera que não tivesses decidido ir para a Irlanda, vou sentir imensas saudades tuas.

Quem me dera que me tivesses deixado ir ter contigo para me despedir... mas tu sempre foste muito rápida e impulsiva nas tuas decisões. Por que razão havia de estar à espera que mudasses agora?

Eu sei que devia dizer que espero que encontres aquilo que mais desejas em Dublin, mas, de certa forma, não quero que isso aconteça. Quero que digas que foram seis semanas maravilhosas e que depois voltas para casa.

Não vai ser a mesma coisa sem ti aqui. Vai abrir uma exposição que fica apenas à distância de um quarteirão e não tenho forças para ir até lá sozinha. Não irei a tantas matinées como costumava ir contigo.

À sexta-feira, vou receber a renda da estudante que alugou o teu apartamento. Vou estar atenta, para o caso de ela estar a cultivar alguma substância ilícita nas floreiras da tua janela.

Tens de me escrever a contar tudo sobre a casa onde vais ficar — não omitas nada. Estou tão contente por teres levado o computador portátil contigo. Assim, não há desculpas para não manteres o contacto. Eu vou continuar a contar-te as novidades sobre o Eric, da loja de malas de viagem. Acredites ou não, ele está mesmo interessado em ti, Emily!

Espero que não demores a ligar o portátil para ficar a saber tudo sobre a tua chegada à terra do trevo de três folhas.

Afetuosamente, da tua amiga solitária,

Betsy

Para: Betsy

De: Emily

O que te faz pensar que tinha de esperar por chegar à Irlanda para saber notícias tuas? Estou no JFK e o computador funciona.

Que disparate! Não vais sentir saudades minhas — tu e a tua imaginação febril! Vais ter mil fantasias. O Eric não se sente atraído por mim, nem mesmo remotamente. É um homem de poucas palavras e nenhuma delas é conversa de chacha. Ele fala-te de mim porque é demasiado tímido para falar contigo. Certamente, sabes disso, não?

Também vou sentir a tua falta, Bets, mas isto é uma coisa que eu tenho de fazer.

Juro que vou dando notícias. Provavelmente, vais receber cartas minhas com vinte páginas todos os dias e vais desejar não me ter encorajado!

Afetuosamente,

Emily

— Estava aqui a pensar se não devíamos ter ido esperá-la ao aeroporto — disse Josie Lynch pela quinta vez na manhã seguinte.

— Ela disse que preferia vir ter aqui — disse Charles, tal como dissera nas quatro ocasiões anteriores.

Noel limitou-se a beber a caneca de chá e não disse nada.

— Ela escreveu e disse que o avião podia chegar mais cedo, se apanhasse um bom vento por trás. — Josie falava como se ela própria fosse passageira frequente.

— Então, pode chegar a qualquer momento... — disse Charles, com o coração apertado.

Detestava ter de ir para o hotel naquela manhã, sabendo que os seus dias lá estavam contados. Teria muito tempo para dizer a Josie, assim que aquela mulher se tivesse instalado. A filha de Martin! Esperava que não tivesse herdado a sede de álcool do pai...

A campainha tocou. O rosto de Josie ficou alarmado. Arrancou a caneca de chá das mãos de Noel e tirou o suporte do ovo cozido e o prato vazio da frente de Charles. Voltando a dar um jeito no seu novo penteado com as mãos, falou em voz de falsete:

— Vai abrir a porta, por favor, Noel, e dá as boas-vindas à tua prima Emily!

Noel abriu a porta a uma mulher baixa, de quarenta e tal anos, cabelo encaracolado e uma gabardina de cor bege. Trazia duas bonitas malas vermelhas com rodas. Parecia completamente senhora da situação. Era a primeira vez que visitava o país e tinha encontrado St. Jarlath's Crescent sem dificuldade.

— Deves ser o Noel. Espero que não seja demasiado cedo para vocês.

— Não, já estamos todos levantados. Está quase na hora de sairmos para o trabalho... A propósito, seja muito bem-vinda!

— Obrigada. Bem, será que posso entrar para lhes dizer olá e adeus?

Noel percebeu que era capaz de a ter deixado eternamente à entrada da porta, mas a verdade é que ainda não estava bem acordado. Só perto das onze da manhã, quando tomava a sua primeira vodca e *Coca-Cola*, conseguia assumir o controlo total do seu dia. Noel tinha absoluta certeza de que ninguém na Hall's sabia da sua injeção matinal de álcool e do seu reforço a meio da tarde. Ele disfarçava com todo o cuidado e tratava sempre de pôr uma garrafa de *Coca-Cola* à vista na mochila. A vodca era adicionada de uma fonte à parte, quando estava sozinho.

Levou a pequena americana para a cozinha, onde a mãe e o pai lhe deram um beijo na face e disseram que aquele era o grande dia em que a filha de Martin Lynch tinha regressado à terra dos seus antepassados.

— Então, vemo-nos à noite, Noel — disse ela.

— Sim, claro. Sou capaz de me atrasar um bocadinho. Há muito trabalho para pôr em dia. Mas trate de se instalar à sua vontade...

— Assim farei e obrigado por concordares em partilhar a tua casa comigo.

Deixou-os a conversar. Ao fechar a porta atrás de si, conseguiu ouvir a voz orgulhosa da mãe, ao mostrar o quarto recém-decorado no rés do chão. E ainda conseguiu ouvir a prima Emily a dizer que era simplesmente perfeito.

Noel reparou que o pai tem estado muito calado desde a noite anterior. Mas, provavelmente, era imaginação sua. O pai não tinha nada com que se preocupar, desde que continuassem a dar-lhe muita atenção naquele hotel e enquanto tivesse a certeza de que haveria o terço todas as noites, uma visita anual a Lourdes para ver o santuário e conversas sobre ir mais longe ainda, um dia, talvez a Roma ou à Terra Santa. Charles Lynch era suficientemente afortunado para ser um homem que se contentava com a forma como as coisas corriam. Não precisava de se entorpecer devido ao peso morto dos dias e noites, passando longas horas a beber no bar do Velho Casey.

Noel caminhou até ao fim da rua, onde ia apanhar o autocarro. Caminhava como fazia todas as manhãs, distribuindo acenos de cabeça às pessoas, mas sem ver nada, não reparando nos pormenores que o rodeavam. Perguntou calmamente a si mesmo o que é que aquela americana com ar atarefado faria ali.

Provavelmente, era capaz de aguentar cerca de uma semana, antes de desistir, desesperada.

Na fábrica de porcelana, Josie contou a toda a gente sobre a chegada de Emily, que tinha encontrado o caminho para St. Jarlath's Crescent como se tivesse nascido e crescido ali. Josie disse que ela era uma pessoa extremamente simpática, que se oferecera para fazer o jantar para todos nessa noite. Só tinham de lhe dizer aquilo de que

gostavam e não gostavam e indicar-lhe onde ficava o mercado. Aparentemente, não precisava de se deitar a descansar, porque dormira toda a noite no avião, durante a viagem. Tinha admirado tudo o que havia em casa e dito que a jardinagem era o seu passatempo, por isso ia procurar umas quantas plantas quando fosse às compras. Se não se importassem, é claro.

As outras mulheres disseram que Josie devia considerar-se cheia de sorte. Aquela americana podia muito bem ter-se revelado uma pessoa difícil.

No hotel, Charles foi o homem normal e agradável de sempre para todos com quem privou. Carregou as malas dos táxis para dentro do hotel, aconselhou os turistas sobre o que visitar em Dublin, procurou os horários das peças de teatro, olhou para o focinho tristonho de um *spaniel King Charles* pequeno e gordo, que tinha sido amarrado ao corrimão do hotel. Charles conhecia aquele cãozinho: *Caesar*. Acompanhava muitas vezes a senhora Monty — uma velha dama excêntrica, que usava um chapéu enorme, três fiadas de pérolas, um casaco de peles e mais nada. Quando alguém a irritava, abria o casaco, deixando as pessoas atónitas.

O facto de ela ter deixado o cão ali significava que devia ter sido levada para o hospital psiquiátrico. A fazer fé no passado, acabaria por pedir alta do hospital daí a três dias e viria buscar *Caesar*, levando-o de volta à sua vida imprevisível com ela.

Charles suspirou.

Da última vez, tinha conseguido esconder o cão no hotel até a senhora Monty ir buscá-lo, mas as coisas agora eram diferentes. Ia levar o cão para casa à hora de almoço. Josie não ia gostar mesmo nada. Mas São Francisco era uma autoridade no que dizia respeito aos animais. Se chegassem ao ponto de ter uma discussão dramática, Josie não iria contra a vontade de São Francisco. Esperava que a filha do irmão não tivesse alergias ou problemas com cães. Parecia demasiado sensível.

Emily tinha passado a manhã ocupada a fazer compras. Quando Charles entrou em casa, estava rodeada de comida. Fez-lhe imediatamente uma chávena de chá e uma sanduíche de queijo.

Charles ficou-lhe grato por isso. Pensava que não ia poder almoçar. Apresentou Emily a *Caesar* e contou-lhe um pouco da história que estava por trás da sua chegada a St. Jarlath's Crescent.

Emily Lynch pareceu achar a coisa mais natural do mundo.

— Quem me dera ter sabido que ele vinha. Podia ter-lhe comprado um osso — disse ela. — De qualquer forma, travei conhecimento com o vosso vizinho, o simpático senhor Carroll. Ele é talhante. É capaz de me arranjar um.

Ainda não estivera ali nem cinco minutos e já tinha conseguido conhecer os vizinhos!

Charles olhou-a com admiração.

— Bem, mas que fonte de energia — disse ele. — Para uma pessoa tão capaz, reformaste-te muito cedo.

— Oh, não, eu não optei pela reforma — disse Emily, enquanto aparava a massa à volta de uma empada. — Não, na verdade adorava o meu trabalho. Eles é que me deixaram ir embora. Bem, mais propriamente, disseram que eu *tinha* de ir embora.

— Porquê? Porque é que fizeram isso? — Charles estava chocado.

— Porque achavam que eu era velha e cautelosa e sempre fiel a mim própria. Foi por ter um estilo antigo. A velha guarda. Levava as crianças a visitar galerias e exposições. Dava-lhes uma folha de papel com vinte perguntas e elas passavam lá a manhã a tentar descobrir as respostas. Isso dava-lhes ótimas bases para saberem como olhar para um quadro ou para uma escultura. Bem, pelo menos era o que eu pensava. Depois, veio o novo reitor, ele próprio uma criança, com a ideia de que ensinar Arte tinha tudo a ver com a livre expressão. Ele queria jovens licenciados que soubessem como fazer tudo isso. Eu não sabia, por isso tinha de me ir embora.

— Com certeza que eles não te podem despedir por seres uma pessoa madura, pois não?

Charles mostrou-se compreensivo. O seu caso era diferente. Tinham-lhe dito que ele era o rosto do hotel e os tempos pediam que o rosto do hotel fosse o de um jovem. De uma forma cruel, até era lógico. Mas Emily não era velha. Ainda não tinha cinquenta anos. Devia haver leis contra esse tipo de discriminação.

— Não, eles não disseram que me iam mandar embora. Limitaram-se a deixar-me na sombra, a fazer trabalho administrativo, longe

das crianças e fora do estúdio de arte. Era insuportável, por isso vim-me embora. Mas foram eles que me obrigaram a fazê-lo.

— Ficaste abalada? — Charles mostrou-se muito compreensivo.

— Oh, sim, ao princípio. Na verdade, fiquei muito abalada. Era ignorar todo o trabalho que eu tinha feito durante anos. Tinha-me acostumado a encontrar pessoas nas galerias de arte que me diziam muitas vezes: «Foi a senhora Lynch quem me despertou o interesse pela arte», por isso achei que estavam a subestimar o meu trabalho ao mandarem-me embora. Era o mesmo que dizer que não tinha dado nenhum contributo.

Charles sentiu os olhos marejados de lágrimas. Ela estava a descrever exatamente os seus anos como porteiro no hotel. Subestimados. Era isso que ele sentia.

Emily já se tinha animado. Pôs rolinhos de massa em cima da empada e limpou rapidamente a mesa da cozinha.

— Mas a minha amiga Betsy disse-me que eu era doida se me deixasse ficar sentada e amuada no meu canto. Devia era demitir-me imediatamente e tratar de fazer aquilo que queria mesmo fazer. Começar o resto da minha vida, foi o que ela disse.

— E foi isso que fizeste? — perguntou Charles.

A América era mesmo um lugar maravilhoso! *Ela* nunca seria capaz de fazer aquilo — nem num milhão de anos.

— Sim, foi o que fiz. Sentei-me e fiz uma lista daquilo que queria fazer. A Betsy tinha razão. Se tivesse arranjado trabalho noutra escola qualquer, talvez me tivesse acontecido o mesmo. Tinha uma pequena conta-poupança, por isso podia-me dar ao luxo de viver sem ordenado durante uns tempos. O problema era que não sabia exatamente o que queria fazer, por isso fiz várias coisas.

»Primeiro, fiz um curso de cozinha. É por isso que consigo fazer uma empada de galinha tão depressa. Depois, inscrevi-me num curso intensivo e aprendi a usar computadores e a internet como deve ser, para poder arranjar emprego num escritório, se quisesse. A seguir, fui para um centro de jardinagem, onde davam aulas de composição de floreiras e vasos. Por isso, agora que estou cheia de competências, decidi viajar e ver mundo.

— E a Betsy? Também fez isso?

— Não. Ela já utilizava bem a internet e não quer cozinhar porque está sempre a fazer dieta, mas partilhou o vício das flores comigo.

— E vamos supor que eles pediam que voltasses para o teu antigo emprego. Ias?

— Não. Agora não posso, mesmo que pedissem. Não, hoje em dia estou demasiado ocupada — disse Emily.

— Estou a ver — disse Charles, acenando com a cabeça. Parecia estar prestes a dizer mais alguma coisa, mas deteve-se. Apressou-se a ir buscar mais leite para o chá.

Emily sabia que ele queria dizer alguma coisa; ela sabia ouvir. Ele acabaria por dizê-la.

— O problema é que... — disse ele lentamente e com grande pesar. — O verdadeiro problema é que estas vassouras novas que supostamente deixam tudo limpo varrem muita coisa que era valiosa e importante, para além de varrerem as teias de aranha ou o que quer que seja...

Nessa altura, Emily percebeu. Aquilo tinha de ser tratado com cuidado. Olhou para ele com uma expressão compreensiva.

— Beba mais uma chávena de chá, tio Charles.

— Não, tenho de voltar — disse ele.

— Tem mesmo? Quer dizer, pense nisso por um momento, tio Charles. Tem mesmo? O que mais lhe podem fazer? Isto é, que já não lhe tenham feito...

Ele olhou-a fixamente.

Ela compreendia.

Esta mulher, que ele só conhecera naquela manhã, percebia, sem que lho dissessem, exatamente aquilo que acontecera a Charles Lynch. Algo que a sua mulher e filho não tinham conseguido ver.

A empada de galinha foi um grande sucesso naquela noite. Emily também tinha feito uma salada. Conversaram os três descontraidamente e Emily introduziu o tema da sua própria reforma.

— É espantoso como aquilo que mais receamos se pode vir a revelar uma enorme bênção disfarçada! Nunca tinha percebido até deixar de o fazer que passava tanto tempo da minha vida em comboios